

Opinião

Médica, professora da Faculdade de Medicina de Lisboa

A luta contra o racismo não é suficiente

Isabel do Carmo

Demonstração de que não estamos a fazer o suficiente contra o racismo: resultados da sondagem realizada pelo ICS e o ISCTE (Expresso, 17 de outubro) — 23% das pessoas concordam totalmente ou em parte em que há “raças” ou etnias por natureza mais inteligentes do que outras e 42% acham que “a espécie humana está dividida em grupos étnicos ou raciais que são geneticamente muito diferentes”. Vastíssimos resultados científicos mostram que uma parte tão importante da população portuguesa está errada. Invertendo a pergunta: dir-se-á que quem responde assim não é inteligente? Não. A capacidade de raciocínio e de pensamento crítico depende do meio social ambiente, da informação, do pensamento hegemónico. Há pessoas com nível de instrução universitária que não só pensam e expressam isto como se atrevem a escrevê-lo. É ideológico e defende um objetivo — supremacia de classe social. Ora, a perceção de tão grande percentagem da sociedade, acrescida de que 15% se sentem “incomodados quando veem pessoas negras chegarem a posições de poder

e influência”, vai determinar discriminação.

O problema da habitação é muito grave para todos os pobres e “remediados” portugueses. A sua resolução é urgente. Mas parece que há os pobres mais pobres, os afrodescendentes que são empurrados para as periferias degradadas. Quanto à participação como atores políticos eleitos, a percentagem em municípios como Amadora e Sintra não é proporcional à da população. Dir-se-á que são da

Urgem campanhas oficiais contra o racismo, e não discursos moralizadores e paternalistas

os eleitores que não os elegem. Não. São os partidos que não os põem na lista, tal como não os põem como elegíveis para a Assembleia da República. De facto aquilo que é expresso na sondagem é estrutural na sociedade portuguesa. Urgem campanhas oficiais contra o racismo e não discursos moralizadores e paternalistas. Explicar que não há “raças” humanas.

Em termos de taxonomia somos do género *homo*, da

espécie *homo sapiens* e da subespécie *sapiens sapiens*. Todos viemos de África e depois corremos o mundo em migrações e cruzamentos. E é tão evidente que as pessoas que ficaram mais perto do Equador têm que ter a pele mais escura (defesa do sol) e que se foi despigmentando quanto mais ao norte! “Pretos”, “negros” e “brancos”? Olhe-se bem para a pele. É essa a cor? Ou a designação já traz a conotação e é histórica. Ainda hoje é usada a designação de “caucasiano” e “não-caucasiano” em termos oficiais, administrativos e científicos. A invenção caucasiana tem origem no século XVIII e num cientista alemão, J. F. Blumenbach, que definiu cinco “raças” baseado na cor da pele e na sua coleção de 245 crânios inteiros. Considerou que o crânio mais belo era o de uma jovem vinda da Geórgia (Cáucaso) e assassinada na Rússia. E assim ficámos, nós, europeus, caucasianos, quando somos constituídos por raízes genéticas vindas de muito lado, e ainda bem. Entre dois seres humanos há só 0,1% de diferenças. Dentro desta pequena percentagem, pode haver mais diferenças entre um cidadão da África Ocidental Subsaariana e um outro da África Oriental do que entre um deles e um europeu. Ah! E o lusotropicalismo e a visão romântica de África que tão bem serviu o Estado Novo e as suas classificações dos “indígenas”? Ainda aí está na narrativa pós-colonial. Os “casamentos” de onde resultaram mestiços foram o resultado de séculos em que os escravocratas, os conquistadores, os primeiros colonizadores e a tropa eram do sexo masculino e deixavam para trás o resultado da violação ou da submissão. Também isto tem que estar na discussão pública.